Capítulo Um

ASHER

— Está aqui toda a roupa dela, e não deixei nada em minha casa, pelo que não deve haver motivo para usar a chave, mas aqui fica, por precaução. Dentro da pasta encontra-se uma lista com os contactos do pediatra, do audiólogo, do terapeuta da fala e do terapeuta ocupacional — diz a Sara, a minha *ex*, se é que posso chamar-lhe isso, já que nunca namorámos, enquanto faço caretas à minha filha, Olivia. — Devias pensar em mudá-la para o quarto ao lado do teu, e instalar a ama no andar de cima, mas tenho a certeza de que vais ignorar esta sugestão. Também deixei um saco com o material escolar dela. E alguns dos lanches favoritos noutro saco, bem como outros… Asher! Estás a ouvir?

Viro-me para a Sara, mas garantindo que a Olivia ainda consegue ver os meus lábios.

— Sim, estou. Sim, sei de tudo isso. Sim, vou garantir que a Olivia vá à escola, lave os dentes, vista roupa interior, e não passe fome.

— E o quarto?

— Não vou mudar o quarto dela. Ela adora-o mais do que aquele que tem na tua casa.

Parece que a resposta não agrada à Sara. Vira-se para a Olivia e gesticula enquanto fala, para que eu possa ouvir. O que fazemos sempre que conversamos com a nossa filha.

— *O pai é um idiota. Tens de ser tu a garantir que ele não falta às tuas consultas e que segue o horário da pasta.*

A Olivia sorri.

— *Amo-te, mamã. Vou tomar conta dele.*

— *Então! Sou adulto e posso tomar conta de tudo* — respondo em língua gestual e falada. Riem-se ambas.

— Claro que és, Ash. Agora, essa pasta tem tudo. Trabalhei muito nela, por isso trata de a seguires.

Ela é completamente louca com as suas exigências de perfeição e pormenores. Já eu prefiro que as coisas sigam o seu curso. Ela sempre foi assim, e é por isso que somos muito melhores enquanto amigos que, por acaso, têm uma filha em comum. Tivemos uma relação descontraída e divertida. Nenhum de nós queria namorar, mas, agora, mantemos uma relação duradoura e de coparentalidade. Corre bem na maior parte das vezes.

— Sabes, sou muito bom pai. Cuido dela desde que nasceu.

A Sara lança-me um olhar tenso.

— Nunca a tiveste assim, durante meses, e comigo fora do país.

— Vamos ficar bem. É difícil estragar tudo tendo a tua pasta na mão — digo com um sorriso irónico.

Ela revira os olhos e aproxima-se da Olivia com lágrimas nos olhos. Lindo. Assim, esta despedida durará uma hora e fará a Sara atrasar-se para o carro que a vem buscar, e obrigará o motorista a guiar que nem louco para chegar a Filadélfia a tempo de apanhar o avião. Provavelmente, a Sara vai pedir-me escolta policial porque já está com o tempo contado.

Não a censuro. Eu ficaria louco se tivesse de deixar a Olivia por tanto tempo. Nos próximos cinco meses e meio, a Sara estará em missão em Israel. Vai gravar um documentário sobre qualquer coisa de que falou, mas não prestei atenção. Sei que é uma oportunidade profissional incrível, e significa que as minhas três noites habituais por semana com a minha filha serão agora a tempo inteiro. Que Deus me ajude e à Livvy. Mas temos a pasta; logo, e segundo a mãe dela, havemos de sobreviver. A Sara agacha-se diante da Livvy.

— *Vou sentir muito a tua falta. Amo-te com todo o meu coração. Porta-te bem com o papá.*

Os olhos da Olivia brilham com lágrimas.

— *Vou sentir a tua falta. Podemos fazer videochamadas?* — pergunta ela, e a Sara anui.

— *Sempre que possível. Vou estar muito ocupada e há a diferença horária, mas tentarei ligar todos os dias.*

— Vais perder o avião — lembro à Sara aquela coisa chata chamada horário de voos.

— Pode esperar.

— Sim, mas não espera.

A Sara levanta-se, a secar as faces.

— Quero notícias diárias por mensagem ou *e-mail*. Quero saber como ela está e como sobrevives. Deus sabe que só estarás vivo graças à ama.

Levo a mão ao peito.

— Também vou sentir a tua falta, querida — digo, e ela ri-se.

— Já organizaste tudo para tomar conta da tua filha? Foste à agência que te indiquei e confirmaste que a ama sabe LGA?

— Era isso que eu devia fazer? — ironizo, e ela suspira.

— Tantos homens no mundo…

— E calhou-te a sorte de ter uma filha minha. Eu sei. Não tens de quê.

— Poderia ter-me saído pior.

Considero isto um elogio. Os seus olhos enchem-se de lágrimas, outra vez, a olhar para a Liv.

— Não posso ir — admite ela, com as lágrimas quase a desabar.

Está na hora de ser bruto e obrigá-la a sair.

— Sara, vais agora, a fim de apanhares o avião, e não tornares isto mais difícil para a Liv.

— Não me digas que não farias o mesmo. Ela não é… — a Sara vira-se, para a Olivia não ver o que diz —, ela é especial. E se a agência fizer um erro? E se te tiveres esquecido de lhes dizer que ela é surda e eles mandarem alguém que não sabe língua gestual? Não quero que fique isolada, incapaz de comunicar.

— Não me esqueci de lhes frisar isso. Estou igualmente preocupado, e não sairia para trabalhar se mandassem alguém que não soubesse tomar conta da nossa filha.

A Olivia é surda devido às complicações causadas pela pré-eclampsia. Com aparelhos auditivos, ouve certos sons ou tons, mas apenas vagamente,

e não distingue nenhuma palavra. Eu e a Sara aprendemos LGA assim que descobrimos a perda auditiva e lutámos para obter os melhores cuidados possíveis, mas a Liv tem muito jeito a ler lábios.

Há uma semana que a Denise, que era ama a tempo inteiro contratada pela Sara, e que também aprendeu LGA, foi viver para a Florida no intuito de se casar. Tratou-se de uma bela coincidência.

Seguro os ombros da Sara e respiro fundo até ela fazer o mesmo.

— Tens um avião para apanhar. Eu sou um pai fantástico. A Olivia vai ficar bem. A agência disse que arranjaria alguém que soubesse língua gestual. Relaxa.

— És tão irritante com esse feitio sempre calmo.

Encolho os ombros.

— É melhor do que enlouquecer, especialmente na minha função.

As cabeças frias prevalecem sempre. Pelo menos é o que digo a mim mesmo. Adoro ser xerife de uma terra pequena. Não há muitos problemas, além de as crianças derrubarem caixas de correio com um taco de basebol, ou de alguém roubar uma vaca e levá-la para outro pasto, na brincadeira. É a mesma coisa que eu e os meus irmãos fazíamos em miúdos no Michigan; logo, não posso chatear-me muito com os miúdos de cá.

No entanto, não éramos muito de caixas de correio. Nunca achei graça a estragar a propriedade de um vizinho, e a nossa mãe matava-nos se descobrisse.

Também sou o recém-nomeado comandante da Força de Intervenção, ou seja, tenho de ser firme e ver sempre o quadro por inteiro. É o que estou a fazer. Aliás, agora que penso nisso, a tentativa de convencer a Sara a sair de casa a tempo e horas parece uma negociação de reféns.

— Consigo fazer isto. Ela vai ficar bem. És um bom pai e adora-la. — Ela olha para a Olivia e solta um gemido. — *Tenho de ir, meu doce.*

A Olivia acena-lhe. Ambas dizem por gestos: *Amo-te.* A Sara seca as faces e puxa-me para um abraço.

— Voltarei daqui a menos de seis meses.

— E tudo estará como deixaste, exceto as tatuagens iguais que faremos amanhã.

— Asher — diz ela em tom de advertência.

— A sério, Sara, vai lá. Prometo que consigo lidar com isto.

Não tenho escolha porque se ela voltar e a Olivia não estiver em perfeitas condições, ainda me corta os tomates. Ela pega na mala, põe-na a tiracolo e dirige-se à porta da frente. As lágrimas correm-lhe sem parar enquanto sai sem olhar para trás. Fixo o olhar na pesada porta de carvalho, à espera, e ela não falha. Volta para dentro de casa, pega na Livvy ao colo e beija-lhe as faces. A seguir, dá-me um soco no braço.

— Previsível — digo, e ela ergue o dedo do meio.

— Porta-te bem. Não te metas em sarilhos e não te esqueças de lhe dar de comer!

— Foi só uma vez! — barafusto também enquanto a porta se fecha. Quando tenho a certeza de que ela se foi, volto-me para a Liv. — *Hoje, estou de folga e a ama nova chega amanhã, por isso, vamos fazer trinta por uma linha. Queres convidar alguém?* — pergunto, e ela sorri.

— *O tio Rowan!*

Rio-me porque, de todos os irmãos Whitlock, o Rowan é o que tem mais jeito para armar confusão.

— *Traz uma camisola. Eu aviso-o.*

A Olivia sai a correr, e envio uma mensagem ao meu irmão.

Vou a caminho do riacho,
se quiseres ir à pesca com a Livvy.

ROWAN
Tenho de acabar o trabalho na quinta, mas só deve demorar uma hora.
Não me apetece olhar para ti, mas como falaste na Olivia, vou.

Tão parvo.

Até logo.

Sou o mais velho dos Whitlock, e estava destinado a assumir a gerência da herdade dos meus avós, mas perceberam logo que isso não era para mim. Odeio vacas, e elas odeiam-me. Era melhor para todos eu

não ser responsável por nada relacionado com o gado. Dei ao meu irmão a terra e o alojamento nas traseiras da propriedade para ele fazer o que quisesse, e, agora, ele gere uma quinta leiteira.

ROWAN
Não te esqueças de lhe dar de comer antes de irem.

Que raio se passa com toda a gente e com a alimentação da Olivia? Falhei uma vez, e nunca mais se calam. É surreal.

Vai-te lixar. Ela come bem.

A Olivia entra a correr com a camisola vestida, e conto-lhe a nossa ideia.

— *O tio Rowan tem de acabar o trabalho; logo, podemos ir primeiro* à *quinta chateá-lo. O que achas?*

Ela solta pequenos guinhos e, sem hesitar, vai para as traseiras, em direção ao celeiro onde guardamos os brinquedos divertidos, incluindo o equipamento de pesca. A Liv é mais parecida comigo do que a Sara gostaria. Adora atividades ao ar livre e praticamente qualquer coisa que seja uma aventura. O que tira do sério a paranoica da mãe. Recuso-me a permitir que a incapacidade de ouvir lhe limite a vida.

Vou ter com ela ao celeiro, a rir-me porque, na verdade, não é celeiro nenhum. É mais um barracão de brinquedos. Tenho duas motos-quatro e uma *BMX*, que a Sara desconhece. Também há equipamento de caça e pesca, tendas… tudo o que se possa imaginar. A Olivia vira-se para mim.

— *Podemos levar a tua* BMX*?*

— *Só quando a mãe estiver em Israel e não puder matar-me.*

Ela sorri. Adoro a sua cumplicidade.

— *Esqueci-me de uma coisa* — diz ela, correndo de volta a casa.

Passa pela grande porta das traseiras, e sorrio ao ver como a casa ficou. Herdei-a dos meus avós, por morte da minha mãe. É pequena, mas adoro-a. Eles criaram seis filhos nesta casa de três quartos, por isso é grande o suficiente para mim.

Procedi a algumas remodelações. Originalmente, os três quartos ficavam no primeiro andar e, para fazer casas de banho para mim, o Rowan e a Brynlee, aproveitei o sótão. Construí dois quartos e uma casa de banho lá em cima — um para a Brynn e outro para o Rowan. O Grady nunca mais voltaria, não pensei muito nele.

Quando a Olivia nasceu, ela ficava no quarto ao lado do meu, mas, há cerca de três anos, a Brynn sugeriu instalá-la no andar de cima, consigo. Hesitei, mas são as duas unha e carne, e concordei. A chata da minha irmã mudou-se um ano depois, e transformei o quarto dela num espaço de brincar. Quando a Liv está cá, geralmente, durmo no sofá que tenho lá.

Ampliei um pouco o piso de baixo, de modo a aumentar o quarto principal, e transformei o outro quarto numa suíte, para o caso de ter… companhia. Assim, a minha filha nunca vê uma rapariga a sair do meu quarto.

No entanto, há muito que não preciso de me preocupar com isso.

O telefone fixo está a tocar, e é incrivelmente alto porque até a Liv consegue ouvir, às vezes, e corro a fim de atender, porque pouca gente me liga para esse número.

Sim, eu sei, quem é que ainda tem telefone fixo? A rede do sítio onde moras é fiável? Ou faz-te lembrar quando eras puto e seguravas na antena do televisor, a qual tinha papel de alumínio na ponta, para conseguires fixar a imagem? O que tem de ser tem muita força.

— Estou?

— Estou, Senhor Whitlock, fala a Stephanie, da agência de amas.

Ótimo, ela está a ligar para confirmar, e posso dizer à Sara que tento tudo sob controlo.

— Viva, Stephanie. Presumo que está tudo pronto para amanhã? — pergunto, mas ouço uma pausa, e cai-me o coração aos pés.

— Quanto a isso… Sei que é um requisito ter uma ama que saiba LGA.

— Sim…

— *Então*, ela acabou de se despedir e, infelizmente, não tenho outra ama com essas habilitações. Mas podemos conseguir uma alternativa. Presumo que a Olivia saiba escrever? Ela pode rabiscar tudo o que quiser dizer.

Nem pensar!

— Obrigado, mas não. Vou tentar outra solução até a agência me arranjar alguém que saiba LGA.

A Stephanie suspira.

— Lamento muito, Senhor Whitlock. Procurei em dois condados e não descobri ninguém. Vou continuar a sondar, e se o senhor encontrar outra pessoa, por favor, avise-nos.

Raios, tenho a certeza de que na pasta não há solução para isto.

— Desculpe, chefe, hoje não posso ir.

— Asher, és o comandante da Força, tens de estar aqui. Não há mais ninguém que te substitua enquanto o Billingsly estiver em licença de paternidade.

Passo a mão pela cara, frustrado, porque sei muito bem disso. Não posso faltar, mas não vou deixar a Olivia com alguém que não consegue comunicar com ela. Liguei para todos. A minha irmã está a preparar-se para as provas finais, e no meio de um processo grande que a obriga a estar em tribunal. O Rowan disse que há uma grande crise com as vacas — além disso, tenho a certeza absoluta de que a Sara me daria cabo da cabeça se deixasse a Olivia com ele, e o meu outro irmão está na guerra, por isso, nada feito.

Cheguei ao ponto de ligar à antiga ama e pedir-lhe que deixasse a lua de mel e o marido para me vir ajudar. Como é óbvio, não tive sorte. As minhas opções estão limitadas.

— Entendo, chefe, mas também não posso deixar a Olivia. Ela vem em primeiro lugar — digo, e o homem suspira profundamente.

— Sim, claro. A ama despediu-se?

Volto a explicar tudo sobre o serviço e a saída da Sara. Nunca faltei ao trabalho. Além de adorar o que faço, também sou um ótimo profissional. Quando fui promovido a comandante da Força, levei isso muito a sério. Os meus homens e mulheres confiam em mim, e somos uma equipa. No entanto, a Olivia é minha filha, e não posso deixá-la com quem não compreende o que diz. Ela não fala.

— Bem, tenho uma solução para nós dois.

— A sério? — pergunto, curioso para saber onde vai ele encontrar uma ama que saiba LGA em tão pouco tempo.

— Sim, na verdade, a Phoebe voltou da escola há dois dias e sabe língua gestual.

Solto uma risada, só uma.

— Não.

Não há hipótese alguma de a Phoebe Bettencourt tomar conta da Olivia. Depois da outra vez, não.

— Porquê?

Embora ele ache a sua querida filha maravilhosa, ela é a pior ama do mundo. A última vez que a deixei tomar conta da minha filha foi há seis anos, e quando cheguei a casa, descobri que a Olivia tinha cortado o próprio cabelo. As crianças de três anos não sabem cortar bem o cabelo.

— Ambos sabemos porquê.

— Foi há muito tempo e, desde então, ela amadureceu.

Pois, e a Sara foi aos arames quando lhe entreguei a Olivia com um penteado novo.

— Tenho a certeza de que sim, mas não lhe vou confiar a Liv.

— Ouve, ela está a terminar o primeiro ano da faculdade, o curso é audiologia, e sabe LGA. Não sei o que mais poderias querer numa ama para a Olivia. A Phoebe teve aquele percalço, mas é uma boa miúda.

— Anthony, eu não preciso de uma *miúda* a tomar conta da minha filha. Preciso de uma ama habilitada que não se perca ao telemóvel enquanto a Olivia pega fogo à casa.

Se calhar, estou a ser ríspido, mas a Phoebe tem culpas no cartório. Tem uma péssima capacidade decisória. Tirando o incidente do corte de cabelo, não sei quantas vezes a mandei parar quando ela morava cá. Conduz como uma louca, mas nem podia autuá-la porque o pai é o meu chefe.

— Bem, então terás de arranjar outra ama que consiga comunicar com a Liv porque precisamos de ti aqui. Não há mais ninguém que consiga gerir a equipa caso sejam chamados. Apresentei-te uma solução para o problema. Dá-lhe uma oportunidade, Asher. Estarás perto se acontecer alguma coisa, mas ela já não tem dezoito anos.

A proposta dele não é realmente uma solução, mas sinto-me dividido. Não posso dececionar a Olivia nem a minha equipa.

— Se eu fizer isso, preciso de ficar em Sugarloaf, para estar por perto caso surja um… problema.

— Se precisares de ir para outra cidade, eu mesmo vou ver como está a Olivia. Olha, não sabes quando vais conseguir uma ama, e a Phoebe está em casa sem fazer nada. Isto vai dar-lhe um emprego e ajudar-te. Não quero ver-te perder o cargo pelo qual trabalhaste tanto — diz ele, em jeito de advertência.

Não tenho a certeza se existe outra opção.

— Tudo bem, mas se houver um único erro, saio da Força, e que se lixem as consequências.

E se isso acontecer, ainda dou em maluco.